

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O NOVO PLURALISMO RELIGIOSO

THE LIBERATION THEOLOGY AND THE NEW RELIGIOUS PLURALISM

Alan Myatt¹

RESUMO

Apartir da perspectiva da Teologia da Libertação, o projeto “Pelos muitos caminhos de Deus” de um grupo da Comissão Teológica Latino-Americana da Associação Ecumênica de Teólogos(as) do Terceiro Mundo, desenvolve uma teologia de pluralismo cujo alvo é valorizar todas as religiões igualmente como caminhos de salvação/libertação. Na base da teologia de pluralismo de John Hick, o projeto defende o conceito de que as religiões são interpretações humanas, das várias culturas, de uma única realidade divina e inefável. O projeto rejeita o absolutismo religioso, ou seja, exclusivismo, que nega a verdade das outras fés ao dizer que sua própria verdade é a única. O pluralismo liberta, mas o exclusivismo é fonte de opressão. Por meio da análise dos argumentos de Hick e do projeto, o artigo demonstra que, pelo contrário, o pluralismo também é exclusivista, pois sua afirmação da verdade das religiões exige que elas abandonem suas doutrinas como falsas, e sejam reinterpretadas segundo as doutrinas do pluralismo. Assim, a Teologia da Libertação pluralista comete os mesmos erros que ela alega serem cometidos pelo exclusivismo.

Palavras-chaves: Teologia da libertação. Pluralismo. John Hick. Religiões mundiais.

¹O autor é Ph.D. em Estudos Teológicos e Religiosos pela Denver University / Iliff School of Theology, Denver, Colorado / EUA. Autor de *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologetica para o contexto atual (Vida Nova)* com Franklin Ferreira, e professor de teologia na Gordon-Conwell Theological Seminary em Charlotte, North Carolina, nos EUA. Também leciona na Faculdade Teológica Batista do Paraná. E-mail: amyatt@pobox.com

ABSTRACT

Beginning with the perspective of Liberation Theology, the “Along the many Paths of God” project of Latin American Theological Commission of the Ecumenical Association of Third World Theologians, develops a theology of pluralism whose object is to show that all religions are equally valuable as paths to salvation/liberation. Building on the base of John Hick’s theology of pluralism, the project defends the concept that religions are human interpretations, from different cultures, of a single divine and ineffable reality. The project rejects religious absolutism, that is, exclusivism, which denies the truth of other faiths by saying that its own truth is the only one. Pluralism liberates, but exclusivism is the source of oppression. By means of an analysis of the arguments of Hick and the project, this article demonstrates that, on the contrary, pluralism is also exclusive, since its affirmation of the truth of all religions demands that they abandon their doctrines as false, and that they be reinterpreted according to the doctrines of pluralism. Thus, the pluralist Liberation Theology commits the same errors of which it accuses exclusivism.

Keywords: Liberation theology. Pluralism. John Hick. World Religions.

INTRODUÇÃO

Entre as mudanças sociais que são características do mundo globalizado está a forte presença de várias religiões e crenças no ocidente, onde antigamente existia a hegemonia da fé cristã. Modernidade significava o fim da religião oficialmente apoiada pelo estado. Pós-modernidade significa o fim das sociedades unificadas por uma religião comum. A realidade atual é a presença concreta de muitas religiões e cosmovisões. Tanto as igrejas quanto os estudiosos enfrentam o desafio, hoje, de entender este fenômeno e o lugar da fé e prática cristãs dentro do novo contexto. Se a religião no passado outorgava a coerência da sociedade por meio de uma fé comum, qual serve hoje para unir o povo uma vez que tem compromisso com visões de realidade radicalmente diferentes? Como será possível vivermos juntos, afirmando a dignidade e os direitos dos outros, e permanecermos fiéis às nossas convicções individuais?

Ultimamente, um grupo de teólogos e teólogas da América Latina abraçou este desafio por meio de uma série de cinco livros, *Ao longo de muitos caminhos de Deus*. O grupo faz parte da Comissão Teológica Latino-Americana da Associação Ecumênica de Teólogos(as) do Terceiro Mundo (ASETT). Seu projeto é, a partir da

tradição da Teologia da Libertação, expor e promover uma teologia pluralista para o novo século.² O projeto é oferecido ao público com a esperança de afirmar uma espiritualidade mais rica, tolerante, e inclusiva, que serve às novas necessidades do mundo globalizado. O desejo dos participantes é que as crenças e práticas dos povos do mundo inteiro, em especial do Terceiro Mundo, sejam valorizadas igualmente.

O propósito deste artigo é examinar a nova Teologia da Libertação do pluralismo e determinar se o projeto é viável. Por meio da análise de suas raízes, pressupostos e afirmações, queremos entender suas implicações e consequências. O alvo é determinar se o grupo conseguiu seu propósito de fazer uma teologia que sirva para construir uma sociedade mais tolerante, que afirme e apoie os direitos de todos, especialmente dos pobres e oprimidos.³

I. TOLERÂNCIA, DIÁLOGO E PLURALISMO

Os autores da série entendem que a realidade pluralista exige uma abordagem nova às religiões que o cristão encontra no seu mundo. É preciso uma fé libertadora para evitar as guerras e a opressão dos pobres provocadas pela religião tradicional. A religião tradicional é uma réplica do colonialismo. Ela se entende como a única fé verdadeira. Assim, o alvo dela é a aniquilação das outras, pois são religiões inferiores. As outras religiões são demonizadas, fechando assim a porta de qualquer diálogo entre as pessoas de crença e prática diferente. Os autores afirmam que esta visão, o exclusivismo, é ultrapassada. Diante da nova realidade de pluralismo nas sociedades contemporâneas, tal postura só serve para provocar conflito, divisão e opressão.

Uma segunda interpretação das religiões, o inclusivismo, é melhor, mas ainda tem problemas. Isto também deve ser abandonado. O inclusivismo, atitude típica do Concílio Vaticano II, reconhece que há salvação nas outras religiões, mas esta ainda ocorre por meio de Jesus Cristo. A fé cristã poderia afirmar a presença de Deus nas outras religiões, embora de uma maneira defectiva. Por isso, os teólogos da série entendem o inclusivismo como uma maneira sutil de proclamar a superioridade do cristianismo sobre as outras religiões. Isto ainda demonstra uma atitude fechada e intolerante para com as outras religiões, pois nega a igualdade e dignidade de seus fiéis.

² Cf. <http://comissao.teologica.latinoamericana.org/>

³ Quero destacar que o projeto deste grupo não representa toda Teologia da Libertação atual, que é um campo muito mais abrangente. Também, o leitor não deve entender que todos os autores da série estejam de acordo uns com os outros em todos os pontos tratados. No entanto, a tendência desta teologia parece consistente entre os vários ensaios. Por isso estou tratando o projeto como uma unidade.

O exclusivismo e o inclusivismo, segundo os autores da série, não refletem a verdade da realidade dos pobres e oprimidos. Por isso, a TdL, que coloca em primeiro lugar a defesa do pobre e oprimido, não pode trabalhar a partir dessas visões. A TdL visa uma clara distinção entre religião institucional e fé popular, optando pela fé popular do povo.

A história da religião na América Latina mostra que o povo não pode ser fiel a uma ideia única de Deus. Por exemplo, existe uma continuidade histórica entre as queixas dos sacerdotes contra a idolatria e dos pentecostais contra o culto de Maria. Também é comum a devoção aos Santos e Orixás, lado ao lado. Ambos são provas de que as pessoas na América Latina não podem adorar um único Deus.⁴ Deus se manifesta de várias maneiras na cultura latina e a teologia deve abraçar isto. O pluralismo é um fato da realidade na experiência humana. Segundo estes teólogos, este fato mostra a realidade de Deus. Deus não se limita a uma religião só.

Dentro desta realidade, então, a postura correta é a de tolerância. Tolerância exercida especificamente, não apenas permitindo que opiniões divergentes existam, sem coerção. A exigência do novo pluralismo é uma nova definição de verdade. O pluralismo rejeita a ideia de uma verdade absoluta. O absolutismo é intolerante, pois desvaloriza a cultura e a fé do outro.

Tolerância, então, significa que todas as religiões são igualmente válidas. Nesta maneira, a nova TdL de pluralismo declara que o exclusivismo é fechado, intolerante e arrogante. É fechado porque não quer ouvir e ser enriquecido pelas verdades do outro. É intolerante e arrogante, pois faz a reivindicação de conhecer a verdade final sobre Deus, invalidando assim a experiência dos adeptos das outras religiões.

Seguindo a filosofia de John Hick,⁵ a TdL do pluralismo propõe que exista uma realidade inefável, *o Real*, por trás de todas as religiões. Por ser inefável, nenhuma religião fala literalmente sobre Deus. As várias doutrinas e práticas são construídas pelas pessoas no contexto de suas culturas e contextos na história. São respostas humanas, elaboradas por meio de vários sistemas de símbolos, que juntos constituem as religiões. Todas as religiões, portanto, são igualmente

⁴LAMPE, Armando. Intolerância religiosa contra o pluralismo religioso na história latino-americana. In: *Pelos muitos caminhos de Deus*. Goiânia: Rede, 2003, p. 61.

⁵John Hick (1922-2012) estava entre os mais importantes filósofos da religião da nossa época. Doutor pelas universidades de Oxford e Edinburg, era professor de religião no Princeton Seminary e Claremont University (EUA) e Birmingham University (Inglaterra). As obras de Hick, nos campos da teodiceia e pluralismo, tiveram grande influência no desenvolvimento da teologia nos últimos 30 anos. Os vários livros de Hick estão traduzidos em 17 idiomas. Ver: <http://www.iep.utm.edu/hick/>.

salvíficas, pois todas permitem que as pessoas alcancem o Real e vivam uma vida centrada no divino.⁶ O pluralismo aceita a diversidade e pluralidade das religiões. Tolerância, segundo o projeto de ASETT, é afirmar que nenhuma religião é mais verdadeira do que outra.⁷

Portanto, pluralismo religioso existe onde religiões diferentes são aceitas e toleradas, mas pregar que só Cristo salva, como os pentecostais e o católicos tradicionais, é intolerância. Quem faz isto comete o erro de “satanizar” as outras religiões, como foi feito com as tradições africanas e indígenas.⁸ O resultado desta intolerância foi a opressão das suas culturas. Por outro lado, o pluralismo significa muitas culturas e identidades. Ele afirma a diversidade dos povos e os direitos das minorias. Assim, o pluralismo é uma coisa positiva para os oprimidos.⁹ O pluralismo é mais aberto e positivo, pois afirma que todas as religiões são “capazes de conduzir à salvação por seus próprios meios, sem referência a Cristo”. Isto, os autores nos dizem, é mais enriquecedor porque se recusa a esgotar a revelação de Deus por dentro de uma religião única.¹⁰

Fica claro, ao ler os autores da série, que o exclusivismo não é apenas uma ideia ultrapassada e falsa. Antes de tudo mais, eles entendem que o exclusivismo é uma maldade, moralmente inferior ao pluralismo. É um perigo que deve ser condenado e evitado. O exclusivismo é arrogante e intolerante, pois acredita que sua noção de verdade é o absoluto. Pior, é vinculado ao poder político.¹¹ O absolutismo, como no fundamentalismo, não representa uma resposta sincera ao divino, mas sim uma reação à insegurança causada quando a presença de culturas e práticas diferentes ameaça as estruturas de plausibilidade dos crentes.¹²

A religião conservadora identifica a verdade absoluta com símbolos específicos da sua religião. Estes símbolos são a base de sua maneira de entender seu lugar no mundo e de manter seu privilégio. Os conservadores resistem à mudança

⁶Veja também HICK, John. *Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões*. São Paulo: Attar, 2005.

⁷HIGUET, A. de Etienne. Fora das religiões há salvação: salvação em uma perspectiva pluralista. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 194.

⁸LAMPE, 2003, p. 51.

⁹LAMPE, 2003, p. 50.

¹⁰BALISURIYA, Tissa. Revelação e revelações. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 21-22.

¹¹BALISURIYA, 2006, p. 24.

¹²TEIXEIRA, Faustino. O desafio do pluralismo religioso para a teologia latino-americana. In: *Pelos muitos caminhos de Deus*. Goiânia: Rede, 2003. p. 66.

sinalizada pelo mundo pluralista porque ela ameaça a seu *status* social. Assim, o fundamentalismo é resultado de uma crise cultural. Ao manter o *status quo* as religiões fundamentalistas continuam apoiando a injustiça e opressão.¹³ Exclusivismo e inclusivismo declaram que Deus está do seu lado em detrimento de outras religiões e, assim, justificam uma estrutura social injusta.¹⁴

O alvo do pluralismo, então, não é evangelizar, mas promover o diálogo entre as religiões e trabalhar juntos na tarefa da libertação dos pobres da opressão e injustiça do sistema de capitalismo globalizado. O diálogo existe pelo enriquecimento e conhecimento mútuo dos participantes.¹⁵ Não pode haver nenhuma causa legítima para tentar converter as pessoas de uma fé para outra. Isso é reflexo da intolerância, que pode ser definida como “rejeitar outras religiões e culturas, considerando-as como ‘demoníaco’, devido a suas diferentes visões de mundo, formas de expressão e rituais”.¹⁶

Antes de entrar no diálogo, cada religião deve fazer um exame interior, para ver se está disposta a questionar seus absolutos. Caso contrário o diálogo inter-religioso é inútil.¹⁷ Não vale a pena discutir com aqueles que não conseguem deixar para trás seu absolutismo. Ao invés de uma rejeição agressiva, é melhor responder aos absolutistas com um sorriso benevolente.¹⁸

É importante destacar que o alvo dos autores é valorizar todas as religiões. Eles defendem a necessidade de pluralismo, mas isso não significa que as religiões particulares devam ser abandonadas pelos adeptos. Os autores querem continuar na prática de suas religiões pessoais, sejam cristãos, hindus, budistas, etc. Por outro lado, o pluralismo exige novas interpretações das religiões. As religiões foram construídas no absolutismo. Tudo que vem do absolutismo terá que ser reinterpretado, para abrir a porta às verdades enriquecedoras das outras tradições. Neste sentido, o pluralismo é um passo radicalmente novo.¹⁹

¹³ COMBLIN, José. A teologia das religiões a partir da América Latina. In: TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Edit.). **Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 56.

¹⁴ BALISURIYA, 2006, p. 41.

¹⁵ TEIXEIRA, 2003, p. 65.

¹⁶ TOMITA, Luiza E. A contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso. In: **Pelos muitos caminhos de Deus**. Goiânia: Rede, 2003. p. 112.

¹⁷ VIGIL, José Maria. Muitos pobres, muitas religiões. In: TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Edit.). **Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 22.

¹⁸ VIGIL, José Maria. Espiritualidade do pluralismo religioso - uma experiência espiritual emergente. In: **Pelos muitos caminhos de Deus**. Goiânia: Rede, 2003. p. 130.

¹⁹ VIGIL, 2005, p. 22.

2. QUESTÕES DOUTRINÁRIAS

2.1 Revelação

A reinterpretção das religiões começa quando os fiéis entendem que sua tradição, profeta, igreja ou livro sagrado não é a única ou melhor fonte de verdade. Epistemologias pós-modernistas estão mostrando sua influência neste sentido, pois não aceitam a ideia de uma só verdade absoluta. Conhecimento não é a descoberta de “fatos” que correspondem às nossas ideias. Conhecimento é construído pelas pessoas a partir de suas culturas, costumes e história. Cada cultura tem suas próprias maneiras de entender o mundo, e dentro deste contexto as pessoas interpretam seu encontro com o divino.

Esta nova visão da verdade é mais agradável ao pluralismo emergente no mundo globalizado. A teologia tradicional baseia-se na noção de verdade da lógica aristotélica, que inclui a lei de contradição e o princípio da identidade. Hoje, este modelo de verdade pela exclusão está em crise. O mundo está numa época de “des-helenização”. “Hoje reconhece-se, de forma crescente, que a verdade tem um caráter mais inclusivo que excludente, mais prático que teórico, mais evolutivo que fixo, mais histórico que físico ou natural. A Verdade é como a vida: está no crescimento, no desenvolvimento, em evolução”.²⁰ A nova teoria de verdade é mais complexa, tolerante e relacional. É preciso entender que a verdade mais profunda é aquela que reconhece que seu oposto também é uma verdade profunda.²¹

Atrás da nova epistemologia estão pressupostos kantianos, a saber, que o divino existe no *númeno*, onde as coisas em si estão além de compreensão racional. Também, para Kant, conhecimento significa que o mundo deve se conformar à mente e não vice-versa.²² Então, a suposição fundamental é que os seres humanos não conseguem penetrar o divino.²³ Assim, como na teologia de Paul Tillich e John Hick, o divino é totalmente outro. É a fonte e alicerce do Ser que todas as pessoas encontram, mas sobre o qual nada pode ser dito literalmente. Todas as religiões são respostas a essa única realidade - o fundamento do Ser, o Real.

Como é, então, que as religiões recebem revelações diferentes de uma única fonte divina? A resposta é que as revelações são símbolos construídos pelos seres humanos.

²⁰ VIGIL, 2003, p. 130.

²¹ VIGIL, 2003, p. 131.

²² AYLESWORTH, Gary. Postmodernism. In: ZALTA, Edward N. (Edit.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2013 Edition). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2013/entries/postmodernism/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

²³ BALISURIYA, 2006, p. 42.

Claramente uma mais completa compreensão do divino do monoteísmo envolveria diferentes revelações e teologias da própria divindade. Entende-se neste contexto que a revelação é um entendimento humano do que é dito ser uma comunicação de uma fonte divina, monoteísta ou não. Além disso, dado que o divino não é cognoscível pelos sentidos humanos ou intelecto, todas as expressões das teologias da revelação seriam meramente analógicas ou metafóricas expressões do divino.²⁴

Nenhuma revelação ou livro sagrado pode ser feito concreto, ou tomado literalmente, como se falasse proposições verídicas sobre a natureza de Deus. Portanto, nenhuma teologia é válida se exclui outras interpretações ou modelos de Deus. Todos os modelos são relacionais e igualmente verídicos. As teologias mostram como as pessoas se relacionam com o divino, mas não nos dizem nada sobre sua natureza literalmente. Alguns modelos de teologia, como o de Deus pai, são ultrapassados e prejudiciais, uma vez que excluem as mulheres, por exemplo.²⁵ A tarefa da teologia de pluralismo é adaptar os modelos do passado para que ninguém seja excluído hoje. Noções da religião tradicional e absolutista são rígidas e monopolistas, mas a ideia pluralista da revelação é enriquecedora e dinâmica.²⁶ Conforme essa visão, todas as religiões são instituições das várias culturas humanas que encontram Deus nas suas muitas maneiras de revelação.²⁷

Obviamente, não é mais possível aceitar a autoridade da Bíblia no sentido tradicional. O ensaio de Jorge Pixley, por exemplo, indica uma confiança firme nas conclusões da alta crítica sobre a historicidade do texto do Antigo Testamento. Para ele, a história do êxodo apresenta a reconfiguração dos acontecimentos segundo o ponto de vista da elite. A verdadeira história deve ser encontrada numa releitura a partir da perspectiva dos pobres. Assim, o êxodo foi a revolta dos camponeses contra a monarquia opressiva do Egito. Isto é a base do modelo de resistência à opressão encontrado nos profetas do AT. A esperança de Pixley é que esta reinterpretção seja inspiração para revoltas contemporâneas.²⁸

Assim, a Bíblia e outras revelações não contêm verdades literais. Por meio de

²⁴ BALISURIYA, 2006, p. 26.

²⁵ BARROS, Marcelo; TOMITA, Luíza Etsuko. Uno e múltiplo: Deus numa perspectiva pluralista. In: TOMITA, Luíza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 108.

²⁶ BALISURIYA, 2006, p. 20.

²⁷ BARROS; TOMITA, 2006, p. 109.

²⁸ PIXLEY, Jorge. Memórias de lutas populares - um unificador potencial? In: TOMITA, Luíza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Edit.). *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 33-45.

símbolo e mito, elas descrevem o inefável. Modelos existencialistas de revelação, tais como os de Rudolf Bultmann e Paul Tillich, estão nos bastidores desta interpretação.

Se a Bíblia não é o critério infalível de verdade, onde é que nós encontramos tal autoridade? Onde fica o referencial para discernir o certo e errado? A resposta é que as religiões podem buscar uma ética comum na teologia natural. A TdL pluralista visa uma teologia moral baseada na razão humana, isto é, a consciência humana que ouve a voz interna do divino. Essa voz fala para cada pessoa o que é certo e errado. Assim, os povos do mundo podem saber o que é preciso para relações pacíficas e uma vida harmoniosa e satisfatória.²⁹

Em última análise, a teologia que vem de Deus em Cristo é o amor. Qualquer coisa na teologia que insulta, degrada, desumaniza ou que seja discriminatória em relação a qualquer aspecto da humanidade não pode ser de Deus em Cristo. Tudo que humaniza, enobrece, em qualquer teologia ou ideologia é de Deus.³⁰

2.2 Deus

A releitura da doutrina da revelação também exige a reinterpretação do conceito de Deus. Desde que Deus é escondido no *númeno*, a tentativa de tirar a ambiguidade da religião e construir crenças, doutrinas e dogmas absolutos é idolatria. Isto seria o condicionamento do incondicional, o qual é impossível.³¹ Os conceitos e símbolos das outras religiões abrem nossos olhos para uma visão bem mais abrangente e plena do divino. As pessoas que afirmam a doutrina da Trindade precisam aprender sobre a insistência islâmica quanto à unidade de Deus. O vazio impessoal do budismo precisa da experiência do divino *Tu*.³² “Já percebemos todos que a luz de Deus não se aprisiona em nenhuma religião”.³³

Assim, a noção de Deus na teologia cristã tradicional não é adequada para as necessidades de hoje. O monoteísmo patriarcal representa intolerância.³⁴ O monoteísmo tradicional nasceu de uma situação de poder, para unificar as pessoas sob um governo autoritário. Foi resultado da urbanização antiga que exigia a concentração de poder nas mãos da elite.³⁵ Por isso, o monoteísmo é fonte de opressão. Questionar o monoteísmo quer dizer ameaçar o poder da elite. A reação é o fundamentalismo,

²⁹ BALISURIYA, 2006, p. 21.

³⁰ BALISURIYA, 2006, p. 30.

³¹ HIGUET, 2006, p. 197.

³² VIGIL, 2003, p. 124.

³³ VIGIL, 2003, p. 130.

³⁴ TOMITA, 2003, p. 118.

³⁵ COMBLIN, 2005, p. 58.

que visa à proteção dos poderosos.³⁶ A ideia de um Deus que pune os desobedientes é rejeitada como perniciososa. O fundamentalismo é mau, porque não permite que as pessoas sejam livres e autônomas.³⁷

Contra o fundamentalismo, os autores afirmam que o poder que os seres humanos sentem por trás do universo - um poder transcendente e imanente - é desconhecido. Desde que a conexão deste poder com o universo não é conhecida, ela é refletida de forma diferente nas várias religiões.³⁸ “Deus não pergunta se uma pessoa é cristã ou muçulmana ou hinduísta ou confucionista, tudo isso não lhe interessa. Deus quer saber quem está implicado no nascimento e no crescimento de seu povo dos pobres”.³⁹ A verdadeira religião é o amor para os pobres e oprimidos. Portanto, não importa qual nome as pessoas dão a Deus.⁴⁰

A noção de Deus, no projeto da TdL pluralista, aproveita a distinção feita por Tillich entre a religião e as religiões. A religião é o encontro com o divino, incondicionado, transcendente, cuja manifestação em experiência humana provoca uma preocupação final. À luz de sua alienação do fundamento do Ser, o homem tenta reunir-se com seu ser essencial, criando as religiões, ou seja, as formas religiosas específicas.⁴¹ Mas nós somos avisados pelos autores que devemos rejeitar dogmas que pretendem dizer mais do que é possível. Deus é o fundamento do Ser. Os nomes que nós damos a Deus são insignificantes quando estamos cara a cara com o infinito.⁴²

2.3 Cristo

Há um lugar único para Cristo na teologia do pluralismo? Quem é Jesus? O que significa Cristo para nós hoje? “Todos afirmamos o caráter único e universal de Cristo; o que está para o discernimento é o caráter rígido que tomaram as afirmações clássicas que se fizeram a respeito de seu absolutismo”.⁴³ Em outras palavras, embora seja louvável afirmar Jesus Cristo como grande mestre e exemplo, a cristologia dos credos antigos não serve mais para o mundo pós-moderno de pluralismo.

Em primeiro lugar, é preciso modificar a cristologia porque a versão tradicional

³⁶ COMBLIN, 2005, p. 59.

³⁷ BARROS; TOMITA, 2006, p. 113.

³⁸ BALISURIYA, 2006, p. 20.

³⁹ COMBLIN, 2005, p. 66.

⁴⁰ COMBLIN, 2005, p. 61.

⁴¹ HIGUET, 2006, p. 191.

⁴² BARROS; TOMITA, 2006, p. 118-119.

⁴³ VIGIL, 2003, p. 128.

tem vínculo forte com o colonialismo. A cristologia ortodoxa era a fonte de opressão e exclusão contra os povos colonizados pelos europeus. Ela legitimava cruzadas, conquistas, guerras e a exploração dos pobres.⁴⁴ Ela desembocava em preconceito contra as mulheres e também no racismo. Pregava que a perfeição da humanidade foi alcançada no ser humano masculino, branco.⁴⁵ Assim, não podemos aceitar a ideia de que Deus literalmente se encarnou num homem branco.

Novamente, a influência de John Hick é evidente. Com o apoio de seu livro *O mito de Deus encarnado*, o projeto interpreta os textos como colocações litúrgicas e metafóricas. O Novo Testamento não fala de um Cristo metafísico ou filosófico, segundo Hick. Então não é possível tirar conclusões dogmáticas e doutrinárias sobre a pessoa de Jesus.⁴⁶

Em vez de ser o objeto de especulação metafísica, o Jesus dos evangelhos lutava contra a opressão. Jesus não veio ao mundo para ser punido pelos pecados das pessoas, pois Deus não precisa de tal sacrifício. A ideia que Deus castiga a desobediência não é aceitável, desde que Deus ama todas as pessoas igualmente. A noção de castigo divino contradiz o tema central do amor de Deus. O critério da salvação que Jesus ensinava é amor aos nossos vizinhos.⁴⁷ Assim, a teoria tradicional da expiação, a substituição penal, é objeto de desdém especial. Se Deus punisse Jesus no lugar dos outros, ele seria injusto.

O significado da morte de Cristo, então, é sua fidelidade a Deus e à visão do Reino. Ele sofreu e morreu por conta dos opressores em benefício dos pobres. Esta é a verdadeira mensagem de Cristo, a mensagem do Reino, a libertação dos pobres da sua miséria e opressão. É a oposição e o confronto das tradições religiosas, absolutistas que perpetuam a opressão. Portanto, “a Cristologia deve se transformar numa mensagem crística, não mais centrada num único indivíduo, mas nas relações igualitárias dentro de uma comunidade”.⁴⁸

Quanto à ressurreição, há uma certa ambiguidade se há um consenso entre os autores sobre a sua negação total, embora alguns façam isto nitidamente. Mas, no mínimo, parece que é impossível saber o que na verdade aconteceu no túmulo de Jesus. No entanto, algo causou um renascimento da fé dos discípulos. Independentemente do que aconteceu, não pode afirmar de forma absoluta e

⁴⁴VIGIL, 2003, p. 127.

⁴⁵VIGIL, 2003, p. 128.

⁴⁶VIGIL, 2003, p. 127.

⁴⁷BALISURIYA, 2006, p. 42.

⁴⁸TOMITA, 2003, p. 114.

dogmática a doutrina da ressurreição física de Cristo. “Inútil prometer a ressurreição aos que esperam a reencarnação. Eles têm outras mensagens de sabedoria humana que podem compartilhar...”.⁴⁹

2.4 Salvação

Salvação para uma vida abençoada, ou arrebatamento do céu, já não é crível na modernidade e pós-modernidade, segundo Etienne Higuét na sua contribuição ao projeto. Ele explica que a doutrina de salvação nas religiões deve ser entendida como símbolo ou mito, a tentativa de descrever um encontro radical com significado último. Seguindo a distinção feita por Tillich entre religião e as religiões, Higuét afirma que quanto mais as pessoas progredirem no processo de salvação, menos precisarão das religiões. A escatologia não trata da esperança de vida além da morte, mas sim tem seu cumprimento no mundo presente. Ela significa o desaparecimento das religiões.⁵⁰

Portanto, para Higuét, o pluralismo inclui o ateísmo também. “Segundo a teologia da libertação, a ação salvífica de Deus está presente em todo processo histórico que trabalha em favor da dignificação do ser humano”.⁵¹ “Salvação é ‘vida com sentido’, vida realizada”.⁵² É “libertação das barreiras de tudo o que nos impede de sermos realizados”.⁵³ “A salvação é graça ou gratuidade dirigida à integridade de todos os seres humanos, para além das expressões religiosas e culturais particulares. É humanização pessoal, social, cósmica e transcendente”.⁵⁴ Realizar este alvo não depende dos conceitos de Deus das religiões. Deus não é necessário para alcançar salvação.

À luz desta definição, a falta de salvação é evidente nas condições sociais que impedem que as pessoas sejam realizadas, ou seja, na opressão das classes pobres e marginalizadas pelos privilegiados que têm poder. Apesar de afirmar o valor de todas as religiões, a partir deste critério o pluralismo consegue discernir que ainda existem religiões falsas. Nas palavras de José María Vigil, “se a religião não produz ‘soteria’, ou seja, ... se não opta pelos pobres, se não se une às demais religiões no diálogo e na cooperação para a transformação do mundo, é porque é uma religião ‘falsa’, ou falsificada, ou inútil”.⁵⁵

Vigil afirma que a noção de eleição para salvação deve ser rejeitada como uma

⁴⁹ COMBLIN, 2005, p. 67.

⁵⁰ HIGUET, 2006, p. 194.

⁵¹ TEIXEIRA, 2003, p. 67.

⁵² HIGUET, 2006, p. 192.

⁵³ HIGUET, 2006, p. 193.

⁵⁴ HIGUET, 2006, p. 198.

⁵⁵ VIGIL, 2005, p. 25.

categoria teológica, desde que limita Deus para um povo específico.⁵⁶ Os pobres são o povo de Deus, não importa qual religião eles pratiquem.

É claro que a doutrina de salvação apoiada na TdL pluralista não apoia evangelismo no sentido tradicional. “Conversão e imperialismo eclesiástico vão unidos. A ideia de conversão pregada pelas igrejas é em essência intolerante com respeito à prática religiosa do outro”.⁵⁷ Quando uma pessoa entra em salvação a esfera religiosa particular torna-se supérflua.⁵⁸ Conversão, no sentido de mudar de religião, não é necessária, então. Todas as pessoas devem encontrar Deus no seu próprio caminho.⁵⁹

Se a conversão não significa mudança de religião, o que é, segundo a TdL do pluralismo? A resposta é que a verdadeira conversão assume a opção pelos pobres, a favor da libertação do sistema mundial do capitalismo neoliberal. Isto não significa que as pessoas mudem de religião, mas sim que reinterpretem sua religião. Portanto, as interpretações exclusivistas com suas doutrinas erradas devem ser abandonadas em favor de interpretações pluralistas. “Por isso faz bem em purificar-se de aderências mitológicas” como pecado original, redenção do pecado e a necessidade de um redentor.⁶⁰ Assim, as pessoas não precisam deixar de ser cristãs, muçulmanas ou budistas. Porém, uma mudança de paradigma, ou cosmovisão, é exigida pela nova teologia pluralista na época de globalização.⁶¹ No novo paradigma, a salvação é comunitária, como no movimento socialista. A salvação visa o Reino de Deus. Significa “vida realizada na pessoa e na sociedade”.⁶²

Tudo isso implica a mudança da missão da igreja. A razão da missão tradicional não existe mais no pluralismo. “Quando uma religião supera o exclusivismo - como é o caso com o cristianismo agora - todas as motivações para a missão, que foram fundadas no exclusivismo, caem com ele”.⁶³ Agora a missão é promover o Reino de Deus, de justiça e libertação dos oprimidos. Para conseguir isto, é preciso não apenas anunciar as boas novas de sua religião, mas também ouvir as boas novas das outras religiões.⁶⁴

⁵⁶ VIGIL, 2003, p. 122.

⁵⁷ LAMPE, 2003, p. 62.

⁵⁸ HIGUET, 2006, p. 192.

⁵⁹ VIGIL, 2003, p. 126.

⁶⁰ VIGIL, José Maria. Por uma espiritualidade pluralista da libertação. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 231.

⁶¹ VIGIL, 2006, p. 220,226.

⁶² HIGUET, 2006, p. 196.

⁶³ VIGIL, 2003, p. 125.

⁶⁴ VIGIL, 2003, p. 126.

Este resumo breve mostra que a TdL pluralista implica mudanças significativas na construção das doutrinas, não apenas da fé cristã, mas também no modo de entender o divino das outras religiões mundiais. Para entender melhor a lógica desta mudança de paradigmas, abordaremos agora o pluralismo de John Hick, que é a inspiração e base do pluralismo adotado no projeto de ASETT.

3. O PLURALISMO DE JOHN HICK

É interessante observar que o discurso sobre pluralismo na série de livros começa com o ensaio de Paul F. Knitter, *Para uma teologia da libertação das religiões*, que foi publicado anteriormente num livro organizado por Knitter e o filósofo inglês John Hick. Ao estudar os vários ensaios da série, fica nítido que a teologia pluralista desenvolvida aqui é profundamente enraizada na visão de Hick. Então, será necessário analisar o pensamento de Hick para avaliar a viabilidade do projeto pluralista da ASETT. Neste artigo eu pretendo tratar os pressupostos centrais da teoria de pluralismo de Hick.⁶⁵ Hick desenvolveu sua visão de pluralismo em vários livros e artigos. *Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões* oferece uma exposição da teoria e a defesa contra várias objeções. Minha discussão de Hick focalizará em alguns pontos-chaves deste trabalho.

A preocupação central de Hick é a noção de que as pessoas que não tivessem acesso ao evangelho de Jesus Cristo não teriam acesso à salvação. Para ele isto é irreconciliável com a revelação do amor de Deus em Jesus Cristo. Além disso, o contato íntimo que Hick tinha com seguidores de outras religiões o conduziu a observar que eles mostram os mesmos frutos de crescimento espiritual como se encontra no Cristianismo. Segundo ele, este é o caso não apenas entre seguidores individuais, mas também em culturas inteiras nas quais uma religião específica é proeminente.⁶⁶ Ele defende o pluralismo como um meio de mostrar respeito às diferenças entre as religiões. Para Hick, o exclusivismo insulta as outras religiões ao dizer que são falsas, enquanto o inclusivismo as reinterpreta de forma arrogante, como canais para uma forma escondida de salvação cristã.

Como vê os frutos de vida espiritual igualmente em todas as religiões, Hick

⁶⁵ Neste artigo breve, não é meu propósito entrar num debate profundo da questão. O espaço não o permite e o leitor pode consultar várias obras que assim fazem (HICK, 1995; OKHOLM e PHILLIPS, 1995; NETLAND, 2001; SINKINSON, 2001; TENNENT, 2002). Neste trabalho prefiro concentrar-me na visão de John Hick, pois a teoria dele faz parte essencial do pano de fundo do pluralismo recente na Teologia da Libertação.

⁶⁶ HICK, 2005, p. 36.

conclui que a presença de salvação existe em todas também. Mas sendo assim, a salvação não significa literalmente o que as várias religiões acreditam que significa. O problema é que, segundo Hick, as religiões ensinam doutrinas contraditórias sobre a salvação, Deus e outras coisas. Então, para entender que a salvação acontece de forma igual em todas, é preciso modificar nossa ideia de salvação. Mas ao assim fazer, ele oferece uma definição da salvação que não seria reconhecida pelas tradições que ele deseja interpretar. Para Hick, salvação não tem referência à vida após da morte, nem à ressurreição, nem à reencarnação. A salvação não tem nada a ver com o perdão de pecados. Agora, a salvação significa

... uma transformação da existência humana, transformação essa que o leva do autocentramento para um recentramento naquilo que, em nossa inadequada terminologia humana, chamamos Deus, o Realidade Última, ou Transcendente, ou ainda Real ... aquele que é o único finalmente real.⁶⁷

Evidentemente, a noção de salvação que Hick propõe necessita da modificação da natureza de Deus, ou a realidade suprema que é o objeto das crenças e devoção religiosas, também. Deus, ou a Realidade Suprema, não conforma literalmente às noções de divindade das religiões mundiais, desde que isto exija noções diferentes de salvação.

Consequentemente, Hick opta por um conceito neokantiano de Deus. É isto que ele chama O REAL, que representa “uma Realidade Última e inefável. Ela é a fonte e fundamento de tudo, e é de tal tipo que, na medida em que as tradições religiosas estão soteriologicamente alinhadas com ela, tornam-se contextos de salvação/libertação”.⁶⁸

Ele emprega a noção de Kant do *númeno* para indicar que não é possível conhecer o Real em si mesmo. O Real não faz parte do mundo de fenômeno, o mundo aberto para conhecimento empírico. O Real habita o *númeno*, o domínio das coisas em si, além do alcance de nossa percepção. Nenhuma doutrina ou proposição pode descrever o *númeno* literalmente. Porém, as interpretações diferentes de Deus e realidade encontradas nas várias religiões são respostas humanas igualmente válidas do REAL, de modo que as doutrinas das religiões são projeções humanas baseadas em experiências concretas de uma realidade transcendente mas desconhecida.

Vários críticos de Hick responderam que isto significa uma negação completa da verdade das afirmações doutrinárias do Cristianismo, Islã, Judaísmo, Hinduísmo e das

⁶⁷ HICK, 2005, p. 41.

⁶⁸ HICK, 2005, p. 52.

demais religiões.⁶⁹ Em cada caso, os partidários estão afirmando que a experiência deles de Deus é, na verdade, a experiência da realidade suprema e final. Conforme alguns teólogos liberais (Paul Tillich, por exemplo), as pessoas que se chamam de cristãos não entendem que há algum tipo de fundamento de Ser, inefável, suprapessoal, atrás do Deus Trino revelado em Jesus Cristo. Também a maioria dos muçulmanos nunca imagina que Alá, na verdade, seja a sua resposta culturalmente condicionada a um mistério incognoscível. Quando os hinduístas falam de Brama como a realidade suprema, eles realmente pensam que é a última realidade, não apenas um símbolo daquilo que é desconhecido. Cada religião entenderia o projeto de Hick não como uma maneira mais sofisticada, justa e tolerante para interpretar sua experiência de Deus. Eles corretamente veriam isto como uma cosmovisão alheia imposta por cima da sua, de tal modo a tirar todo seu conteúdo essencial e refazer a sua religião em algo totalmente diferente. Com razão, eles poderiam dizer que isso não é tolerância, mas sim o encontro com uma forma bruta de totalitarismo ideológico.

Hick é muito atento a este tipo de crítica e oferece respostas. Ele afirma que sua teoria respeita as muitas diferenças reais entre as interpretações hinduísta e muçulmana de Deus, ou noções budistas e cristãs de salvação. Porém, diz que apesar de serem diferentes, elas são genericamente iguais no sentido de que todos eles entendem que algo está faltando no presente e cada um propõe meios para chegar até um futuro melhor.⁷⁰ Confrontado com o problema de ensinar verdades contraditórias mas conseguir fruto igualmente edificante, Hick acredita que nós devemos entender que as religiões são igualmente válidas. Então, segundo Hick a visão que ele propõe não é baseada em qualquer ponto de vista supostamente privilegiado ou superior da perspectiva das religiões; simplesmente é uma conclusão baseada em observação empírica.⁷¹ Em todo caso, ele garante que não está dizendo que os nomes diferentes de Deus, Yahweh, Alá, Brama e Jesus Cristo, são modos diferentes de nomear a mesma última realidade.

... cada um destes nomes refere-se a uma diferente pessoa ou 'não pessoa' do Real. Estes diferentes focos de culto e meditação não são idênticos ao Real em si mesmo, mas são o Real assim como é humanamente retratado de diferentes formas. Usando a analogia kantiana, são manifestações fenomênicas do Real-em-si mesmo numênico.⁷²

⁶⁹ Cf. as discussões em OKHOLM e PHILLIPS, 1995; NETLAND, 2001; SINKINSON, 2001.

⁷⁰ HICK, 2005, p. 68.

⁷¹ HICK, 2005, p. 78.

⁷² HICK, 2005, p. 74.

Enquanto é admitido que isto chegue a uma negação da compreensão literal que cada religião tem de si mesma, ele justifica isto como virtude, pois valoriza todas as religiões igualmente. O pluralismo “é uma visão mais realista, já que considera uma variedade muito mais ampla de dados que qualquer um dos absolutismos tradicionais”. Para Hick, o absolutismo das religiões é mau, porque reivindica um único caminho de salvação, assim “subordinando-as (outras religiões) a si”.⁷³ Se há pecado, no pensamento de Hick, é a “intolerância” e “arrogância” do absolutismo.

Agora, numerosas objeções são possíveis. Eu me limitarei, neste artigo, a mostrar que a resposta de Hick aos seus críticos não é adequada para salvar o pluralismo. Pelo contrário, a resposta dele apenas reforça as críticas. O pluralismo de Hick, e portanto o da nova TdL pluralista, é autocontraditório.

Em primeiro lugar, não é necessariamente óbvio que a avaliação de Hick acerca dos frutos espirituais das várias religiões é defensável. Certamente no nível cultural existe bastante evidência para o contrário.⁷⁴ No entanto, mesmo se fosse concedida esta observação, isto só serviria para obscurecer a questão de como é que a verdade das várias religiões deve ser avaliada.

Qual é a base para afirmar que crescimento em bondade moral seja o critério correto de determinar que as pessoas estão se tornando cada vez mais alinhadas com o Real? Se o absoluto é incognoscível, como é que o Dr. Hick chegou a saber que ele é bom? Sinkinson⁷⁵ pergunta: “Por que a Última Realidade deve ser entendida como um Deus de amor e não um tirano cósmico?”⁷⁶ Hick rejeita o exclusivismo na base que é incompatível com o amor de Deus. Mas o amor é qualidade de seres pessoais. O absoluto de Hick não é nem pessoal, nem impessoal. A qualidade de pessoa é imputada no Real pelos seres humanos. Mas, logicamente, isto quer dizer que a qualidade de amor é também apenas a imputação de um conceito cultural e humano ao Real. Enfim, Hick termina com um absoluto sem nenhuma qualidade literal, assim destruindo qualquer possibilidade de conhecer um Deus de amor em primeiro lugar. Sem o padrão do amor, não existe base para afirmar o valor igual das religiões.

⁷³ HICK, 2005, p. 76.

⁷⁴ Apesar das negações de Hick, parece bastante claro, por exemplo, que o Cristianismo era decisivo de certo modo ao desenvolvimento da ciência moderna como um empreendimento cultural autossustentado de uma forma que não foi possível no Islamismo, Hinduísmo e outras culturas não cristãs. Veja o estudo detalhado de Stanley Jaki (1990).

⁷⁵ Christopher Sinkinson leciona Apologética e Antigo Testamento em Moorlands College, na Inglaterra. Mestre no Estudo da Bíblia e Doutor em Teologia, ele também é pastor. Sinkinson é autor de vários livros e artigos. Ver: <http://www.moorlands.ac.uk/staff/chris-sinkinson/>.

⁷⁶ SINKINSON, Christopher. *The Universe of Faiths: a critical study of John Hick's religious pluralism*. Waynesboro, GA: Paternoster Press, 2001. p. 162.

Outro problema, talvez mais sério, é a contradição interna inerente no pluralismo. Apesar do melhor desempenho de Hick e também dos teólogos da ASETT, a afirmação do pluralismo pressupõe que o pluralista entende a verdadeira natureza do cristianismo, hinduísmo, islamismo, budismo, etc., que os adeptos das religiões não entenderam. Afirma que, na medida em que continuam crendo nas suas religiões, as pessoas têm uma visão fechada, errada e moralmente inferior ao pluralismo. Para chegar até o nível mais iluminado, que viabiliza a tolerância e a abertura, os fiéis de todas as religiões devem abandonar o absolutismo. É preciso aceitar o fato empírico descoberto por Hick de que o Real é nem a Santa Trindade, nem Alá, nem Brama ou Javé, mas sim o fundamento de Ser segundo o modelo de Tillich. A verdadeira visão de Deus e da religião, então, deve ser encontrada na teologia liberal fundamentada na filosofia de Emanuel Kant, ou seja, a visão dos teólogos cuja cultura é dos homens brancos, europeus e norte-americanos, da elite acadêmica do século vinte.

A ironia do pluralismo deve ser evidente agora. Se for julgado por seu próprio padrão, o pluralismo não é livre do absolutismo. Ele afirma que a sua própria interpretação da realidade é a verdade final. Os pluralistas acreditam que seu paradigma é o único correto que entende a verdadeira natureza do Ser derradeiro.

O proposto de Hick não é, na sua essência, uma nova maneira científica de interpretar as religiões e preservar o valor de todas. Muito pelo contrário, o pluralismo é uma nova religião, que reivindica nos ensinar a verdadeira natureza das religiões mundiais, a qual ninguém conseguiu entender até agora. Ele pretende corrigir os erros das demais religiões, colocando no seu lugar uma nova visão do Real. Em outras palavras, o pluralismo é nada menos que uma nova religião que, ao enfrentar as tradicionais, está “subordinando-as a si”.

Nós vimos, então, que o pluralismo de Hick não pode funcionar a não ser que ele primeiro transforme as demais religiões em epifenômenos da sua própria cosmovisão. Em lugar de ser religiosamente neutro, o pluralismo absorve as outras religiões no seu próprio sistema. Neste processo, as religiões perdem seu significado original e se tornam algo que os adeptos nunca reconheceriam. Como um vírus de computador que começa a escrever seu próprio código em cima do código do sistema operacional nativo, o pluralismo de Hick faz uma reconfiguração total das religiões. Assim, as religiões perdem sua integridade original para se tornar parte de uma nova matriz, de modo que no fim do processo elas refletem a imagem da religião de Hick.

Então, Sinkinson é certamente correto quando ele observa que o sistema de Hick inevitavelmente desemboca numa outra forma do mesmo absolutismo que Hick faz

questão de detestar.⁷⁷ As ideias dele entram em diálogo religioso empregando uma máscara de respeito amigável. Porém, como o cavalo de Troia, elas invadem e depois colonizam as outras religiões do mundo, até que elas sejam submissas à autoridade do paradigma neokantiano de pluralismo. No fim, isto é um destruidor de diversidade que subverte o diálogo honesto. Os fiéis das diversas religiões são convidados para uma conversa aberta, com a promessa de respeitar suas tradições. Mas eles chegam de suas tradições do mundo todo somente para descobrir que o preço do diálogo é que suas tradições sejam abandonadas em prol da cosmovisão pós-moderna da elite intelectual dos países do “Primeiro Mundo”.

CONCLUSÃO

Apesar de suas boas intenções, o projeto da TdL pluralista não representa um meio viável de alcançar tolerância e diálogo honesto entre as religiões. Sendo filho do pensamento de John Hick, necessariamente, ele sofre de fraquezas iguais.

Onde quer que prevaleça a lógica deste novo pluralismo, o resultado refletirá a mesma colonização ideológica que nós vimos em Hick. Em nome da tolerância e diversidade, qualquer discussão séria sobre as diferenças profundas e reais entre as religiões será suprimida. O perigo é que os que almejam tolerância ao adotar este novo paradigma se tornem os intolerantes e arrogantes. A evidência de intolerância já aparece no projeto.

O exemplo mais óbvio é o fato de que, como foi mostrado, em vez de valorizar a maneira de interpretar Deus e salvação nas outras religiões, o novo paradigma sumariamente declara que todas elas são erradas e falsas. Os teólogos do novo pluralismo podem reclamar contra essa declaração, mas as pessoas de bom senso entendem que declarar falsas e enganosas as crenças e experiências dos outros é um modo bem esquisito de valorizar as mesmas. E não devemos ter dúvida de que o resultado da imposição do pluralismo nas religiões implica exatamente isto.

Por exemplo, a reinterpretação do cristianismo pela TdL do pluralismo não é apenas um meio mais autêntico de ser cristão, como eles afirmam. Na ótica deles é o único cristianismo verdadeiro. Isto é deixado bem claro por Tissa Balisuriya quando ela adverte que

A teoria exclusivista e também a inclusivista são provenientes de uma distorção da mensagem central de Jesus ... Isto é um obstáculo para uma correta e fiel compreensão de Jesus...

⁷⁷SINKINSON, 2001, p. 169.

Dadas essas considerações, as igrejas cristãs devem pesquisar como e por que estiveram equivocadas durante muitos séculos em temas fundamentais, como o da condição humana, da natureza do divino e do destino último dos seres humanos.⁷⁸

Portanto, ela quer que nós acreditemos que durante vinte séculos as igrejas e os teólogos da fé cristã não conseguiram entender a mensagem de Cristo, a qual foi, finalmente, revelada na tradição do liberalismo teológico da TdL de hoje. Assim, ela acusa as doutrinas tradicionais, tais como o pecado original, de serem “juízos teológicos gravemente equivocados” e ofensivos a todas as outras religiões. Será que é assim que o pluralismo mostra respeito e uma mente não fechada para com todas as religiões?

A colocação negativa de Balisuriya reflete uma atitude de superioridade moral e condescendência em referência às crenças tradicionais que é comum na série. Entre as várias colocações nós somos instruídos do seguinte modo: o fruto da teologia ortodoxa é sempre opressão. Acreditar que as doutrinas dos credos antigos sobre Deus, Cristo, pecado e salvação são literalmente verdadeiras vem de uma mente fechada e arrogante. O fundamentalismo (crença de que as doutrinas de uma religião são literalmente verdadeiras) significa uma postura ignorante e não científica. Tal postura é idolatria, sinal de insegurança e o desejo de manter poder opressivo. Agora, somente uma visão pluralista da religião é aceitável.⁷⁹ Voltar ao fundamentalismo significa que “os pobres seriam as vítimas de uma nova inquisição”.⁸⁰ E assim para diante.

Esta nova visão da verdade pode ser mais agradável ao pluralismo pós-moderno, mas ela sofre do forte irracionalismo que caracteriza as epistemologias pós-modernas. De um lado, o pluralismo nega a validade de quaisquer verdades absolutas como relíquias da lógica helenista. Afirma que entre enunciados contraditórios os dois possam ser verdadeiros. Por outro lado, os autores empregam a lógica tradicional, inclusive a lei de contradição, para sustentar a teoria de pluralismo. É impossível que eles evitem isto, pois as leis de contradição, identidade e meio excluído são pressupostos necessários para qualquer comunicação coerente. Sem essas leis, nenhuma palavra teria uma definição racional e consistente, nem seria possível conhecer o significado de uma só frase, muito menos escrever cinco livros construindo um argumento a favor de uma teoria das religiões.

⁷⁸ BALISURIYA, Tissa. Por uma cristologia pluralista na Ásia. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 265.

⁷⁹ BALISURIYA, 2006, p. 265. HIGUET, 2006, p. 196. COMBLIN, 2005, p. 56.

⁸⁰ COMBLIN, 2005, p. 56.

Além disso, vamos supor que a verdade seja evolutiva e não fixa como eles dizem. Também, por força do argumento, aceitaremos a noção de que as doutrinas e teologias sejam produto das culturas e contextos históricos. Mas se todas as interpretações do divino fossem apenas construções humanas analógicas, então a interpretação do divino defendida por John Hick e o projeto da ASETT também seria igual. Ela seria nada mais que uma série de símbolos e analogias, condicionadas social e historicamente pela cultura dos seus adeptos. Vimos antes que o pluralismo é produto de filosofia e teologia enraizadas no iluminismo, ou seja, uma cultura branca, masculina, da elite intelectual da Europa. Portanto, segundo o padrão de pluralismo, a noção do Real afirmada por John Hick e a do fundamento de Ser defendida por Tillich são apenas ideias construídas segundo a cultura secular do século vinte. São resultado do pressuposto de naturalismo filosófico que domina as faculdades elitistas do Primeiro Mundo.

Não obstante, não é nisto que os pluralistas acreditam. Uma leitura dos livros de Hick e da série da ASETT mostra a confiança que eles têm de que a sua interpretação é a maneira correta de entender as religiões. As outras doutrinas são equivocadas, mas não as doutrinas do pluralismo. E a doutrina do pluralismo é, sem dúvida, uma doutrina. Esta doutrina é absolutizada pelos pluralistas quando se torna a base para interpretar todas as outras religiões.

Assim, as doutrinas tradicionais que contradizem o pluralismo são falsas. Todas as outras verdades podem evoluir, mas a do pluralismo é fixa. Todas as religiões são verdadeiras, então, na medida em que jogarem fora suas doutrinas e se subordinarem à cosmovisão alheia do pluralismo.

As questões que precisam ser colocadas aos pluralistas, então, são as seguintes: Se, segundo sua própria teoria, todas as religiões são relativas e culturalmente condicionadas, por que vocês estão se comportando como se a sua religião não fosse? Uma vez que não há verdade fixa e absoluta, qual é a base na qual vocês fazem questão de impor sua religião em todas as outras, como se fosse o paradigma absoluto e fixo para interpretar as demais cosmovisões? Por que nós devemos aceitar *sua* noção limitada e culturalmente condicionada de religião em vez da teologia tradicional do islamismo ou cristianismo? Não é a exigência de que as outras religiões abandonem seu jeito de entender suas doutrinas, pela própria definição do pluralismo, intolerante e exclusiva? Não é verdade que sua teoria pressupõe que os pluralistas tenham uma posição privilegiada, superior e mais iluminada do que os fiéis das outras religiões? Não é este o pressuposto a partir do qual eles possam ver a realidade sobre a natureza

das religiões que os outros não percebem? Uma vez que vocês acreditam que sua religião é verdadeira e as outras são erradas, por que nós devemos levar a sério sua afirmação que os exclusivistas e inclusivistas são arrogantes, mas vocês não são?

A teologia pluralista rejeita a Bíblia como fonte que revela ensinamentos verídicos sobre Deus e salvação. Se a Bíblia não é o critério infalível de verdade, onde é que nós encontramos tal autoridade? Onde fica o referencial para discernir o certo e errado? A resposta é que as religiões podem buscar uma ética comum na teologia natural. A TdL pluralista visa uma teologia moral baseada na razão humana, isto é, a consciência humana que ouça a voz interna do divino. É a voz que fala para cada pessoa o que é certo e errado. Assim os povos do mundo podem saber o que é preciso para construir um mundo de paz e justiça.

Por outro lado, a TdL pluralista rejeita qualquer voz que não esteja de acordo com ela. Mas por quê? Os adeptos do novo pluralismo são mais inteligentes? Será que eles são espiritualmente mais capazes de interpretar a voz interior? Se acreditassem que são assim, não é verdade que seriam arrogantes? Se não são mais capazes e sábios do que os outros, então não existe nenhuma razão para os cristãos, muçulmanos, budistas e hinduístas tradicionais lhes prestarem atenção alguma.

Portanto, a minha conclusão é que a TdL pluralista não constitui base para o diálogo honesto entre as religiões. Ela inicia a conversa com verniz de tolerância, afirmação e apoio, mais em breve demonstra bastante intolerância de qualquer religião que seja diferente. De fato o pluralismo não é pluralista. É mais um tipo de exclusivismo, pois exclui tudo que não seja absorvido na sua própria matriz. Os pluralistas rejeitam o exclusivismo pois, segundo eles, isto insulta e desumaniza os outros. A ironia é que, a partir do mesmo padrão, o pluralismo insulta e desumaniza os outros. Não é arrogante a postura que recusa entrar em um debate teológico sério com seus oponentes, preferindo responder a eles com um “sorriso benevolente”, como se fossem crianças incapazes de entender as verdades mais elevadas do pluralismo? É possível um diálogo honesto assim?

O leitor pode tirar sua própria conclusão, mas eu acredito que o novo pluralismo da TdL é um beco sem saída. O problema central é que comprou a nova definição de tolerância proposta pelo esquerdismo pós-moderno da cultura do Primeiro Mundo. Isto é, aceitou a noção do “politicamente correto” na qual tolerância significa a crença de que todo mundo é certo. Assim, dizer que o outro é errado não é permitido. Apesar de negar a lógica, o pós-modernismo não consegue fugir dela. Logicamente, a afirmação de que todos são certos é somente possível na medida em que estejam

de acordo uns com os outros. Para manter este tipo de tolerância os “tolerantes” transformam o pensamento dos outros na imagem do seu. A ironia é que quem não gosta disso é rotulado de “intolerante”.

O problema da intolerância nas sociedades nas quais as pessoas de muitas religiões e tradições diferentes vivem juntas é um desafio sério. Porém, a verdadeira tolerância não exige que todas elas reinterpretem suas religiões para serem aceitas. A verdadeira tolerância é aquela que afirma e defende o direito das pessoas de crer naquilo que nós achamos errado. A tolerância apoia a liberdade de consciência e a prática de todos. Ela busca entender as outras culturas e tradições a partir da ótica delas. A tolerância participa num intercâmbio de ideias, levando a sério que quando as pessoas dizem que Deus é isto ou aquilo, para elas é assim mesmo.

A postura mais tolerante é discordar uns dos outros honestamente, mas conviver em paz, buscando a justiça e o bem-estar de todos, sejam quais forem suas religiões e culturas, pois, mesmo com as nossas diferenças, existe o terreno comum de nossos sonhos e esperanças de uma vida melhor para todos.

REFERÊNCIAS

AYLESWORTH, Gary. Postmodernism. In: ZALTA, Edward N. (Edit.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Summer 2013 Edition). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2013/entries/postmodernism/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

BALISURIYA, Tissa. Por uma cristologia pluralista na Ásia. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). **Teologia latino-americana pluralista da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. Revelação e revelações. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). **Teologia latino-americana pluralista da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BARROS, Marcelo; TOMITA, Luiza Etsuko. Uno e múltiplo: Deus numa perspectiva pluralista. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). **Teologia latino-americana pluralista da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006.

COMBLIN, José. A teologia das religiões a partir da América Latina. In: TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José María (Edit.). **Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã**. São Paulo: Loyola, 2005.

HICK, John. **A Christian Theology of Religions: The rainbow of faiths**. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1995.

_____. **An Interpretation of Religion: Human responses to the transcendent**. New Haven: Yale University Press, 1989.

_____. **God Has Many Names**. Philadelphia: The Westminster Press, 1980.

_____. **Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões**. São Paulo: Attar, 2005.

Alan Myatt

HIGUET, A. de Etienne. Fora das religiões há salvação: salvação em uma perspectiva pluralista. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Edits.). **Teologia latino-americana pluralista da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006.

JAKI, Stanley. **Science & Creation: From eternal cycles to an oscillating universe**. Edinburgh: Scottish Academic Press, 1974, reprinted by Lanham, MD: Univ. Press of America, 1990.

NETLAND, Harold. **Encountering Religious Pluralism: The challenge to Christian Faith & Mission**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2001.

OKHOLM, Dennis L.; PHILLIPS, Timothy R. **Four Views on Salvation in a Pluralistic World**. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

PIXLEY, Jorge. Memórias de lutas populares - um unificador potencial? In: TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José María (Edit.). **Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã**. São Paulo: Loyola, 2005.

SINKINSON, Christopher. **The Universe of Faiths: A critical study of John Hick's religious pluralism.** Waynesboro, GA: Paternoster Press, 2001.

STETSON, Brad; CONTI, Joseph G. **The Truth About Tolerance: Pluralism, diversity and the culture wars.** Downers Grove: InterVarsity Press, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. O desafio do pluralismo religioso para a teologia latino-americana. In: **Pelos muitos caminhos de Deus.** Goiânia: Rede, 2003.

TENNENT, Timothy C. **Christianity at the Religious Roundtable: Evangelicalism in conversation with Hinduism, Buddhism, and Islam.** Grand Rapids: Baker Academic, 2002.

TOMITA, Luiza E. A contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso. In: **Pelos muitos caminhos de Deus.** Goiânia: Rede, 2003.